

Relações familiares

Parentesco, compadrio e migrações na modernidade capitalista no Brasil dos anos 1970: reflexões por meio da história e música

*Victor H. de Resende **

Em 1972, o trio Sá, Rodrix & Guarabyra, lança o disco *Passado, Presente & Futuro*. O LP contém a música *Cumpadre meu*¹, cujo trio assim canta:

Cumpadre meu/ Noite a noite na semana/ O meu coração me chama/ Pra dizer que você regressou/ Cumpadre meu/ Esse meu pressentimento/ Não é coisa que o momento fabricou/ Cumpadre meu/ Quem já tem tanto dinheiro/ Pode bem pensar primeiro/ Na mulher, no filho e no amor/ Nem posso ver/ teu menino nessa idade/ Respirando o que a cidade envenenou/ Daquela vez você trouxe ele por cá/ que riso bom sorriu/ quando viu a chuva desabar!/ Meu coração não costuma me enganar/ Noite após noite repete: “o cumpadre voltou pois a sodade já lhe atormentou”/ Cumpadre meu/ Bota a tropa na estrada/ Mulher, filho e empregada/ Vem pra longe do que já morreu.

A produção musical acima e seus compositores estão inseridos no contexto brasileiro dos anos 1970. O Brasil, nesse período, passa por um processo de mudanças nos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. Em função do golpe militar instaurado em 1964, o país apresenta inúmeros contrastes:

* *Músico, mestrando em História pelo PGHIS/UFESJ.*

na política, um regime de exceção, com ausência de partidos políticos e forte repressão; no campo econômico, o chamado *milagre brasileiro* com crescimento industrial acelerado, grandes projetos no setor público, controle da moeda, ampliação do mercado de trabalho com geração de empregos, aumento de consumo e investimentos de capitais externos; no plano social e artístico, destaque para a intensa repressão, controle das informações – censura aos meios de comunicação, jornais e manifestações artísticas – e cerceamento das liberdades sociais, políticas e de expressão, combinados com forte propaganda em favor do regime, além de retrocesso das esquerdas – com prisões, mortes, torturas e exílios² (COUTO, 1988, p. 109-116). Consolida-se também um mercado de consumo de bens culturais.

Importante para a temática aqui abordada é o fato de o Brasil apresentar, nesse período, um processo acelerado de urbanização. Conforme destaca Marcelo Ridenti, a sociedade brasileira passa de:

[...]predominantemente rural em 1950 para eminentemente urbana na década de 1970, com todos os problemas sociais e culturais de uma transformação tão acelerada (RIDENTI, 2005, p. 62-65).

Desse modo, a composição acima mostra os dilemas do processo de modernização e urbanização no Brasil na década de 1970. Os arranjos de violões, violas e metais – com destaque para o trombone, que faz um movimento melódico de nostalgia e conflito em relação à saudade do campo – trazem com o andamento do gênero rock, a crítica moderna do impacto dos processos de migração do campo para a cidade. A música mostra a ideia do *Rock Rural*. A expressão, cunhada pelo trio e seguida posteriormente pela dupla *Sá & Guarabyra*, demonstra a proposta de vida campestre em oposição à vida na cidade. O gênero, que durante a década de 1970 permaneceu entre os músicos aqui tratados, propunha uma leitura cultural diferente da vivenciada pela música engajada do período da ditadura brasileira (NAPOLITANO, 2002). Luiz Carlos Sá, carioca de Vila Isabel, músico desde os dezessete anos de idade, com influências do samba e do rock dos anos 1960; Zé Rodrix, filho de mestre de banda, com alto conhecimento em teoria musical, contraponto e instrumentista múltiplo; e Gutemberg Guarabyra, baiano de Bom Jesus da Lapa, amante da música seresteira, trazem em sua obra as vivências pessoais entre sertão e metrópole, meio rural e urbano, e mesclam sonoridades consideradas díspares: instrumentação erudita, ritmos nordestinos, violões, violas e guitarras elétricas. Com a influência do rock e a junção de ritmos regionais brasileiros, o *Rock Rural* cantado pelos músicos acima, constituía-se na visão romântica de trocar a modernidade capitalista pela vida em comunidade, em contato com a natureza (LÖWI & SAYRE, 1995). Porém, na música em questão, pode-se perceber que se trata também de populações de pequenos e médios proprietários. O chefe de família que tem a esposa, o filho e a

empregada, pode retornar para o campo, a pedido de seu ‘cumpadre’, depois de se ‘enriquecer’ na cidade grande. O cantor alerta que é preciso pensar primeiro na família e no amor, o dinheiro o proprietário já possui (!).

O movimento de migração para a cidade na busca de melhores oportunidades, a saudade do campo e a desilusão com a cidade que ‘envenena’, é demonstrado nesta composição. O cantor alerta para o “que já morreu”: a cidade. O contraste entre esta e o campo tem destaque na letra com as relações de compadrio das populações rurais. Notam-se as relações de proximidade e o caráter de cuidado do padrinho para com o afilhado. O compadre pode alertar e criticar a atitude do pai e pede inclusive o retorno ao meio rural, ao perceber que o afilhado se deslumbra com a chuva que cai no campo ao visitar o padrinho.

Voltando ao passado brasileiro para um maior entendimento da diversidade de significados das relações de compadrio que interessam nessa análise, pode-se perceber, por exemplo, com a autora Silvia Brügger, as relações de compadrio em Minas Patriarcal – séculos XVIII e XIX – na qual destaca as características do parentesco ritual e de suas alianças sociais. Segundo a autora, nas relações de parentesco contraídas no ato do batismo, os padrinhos ou ‘pais espirituais’ “assumiam a obrigação de ensinar aos afilhados a ‘doutrina cristã e os bons costumes’, bem como se tornavam ‘fiadores para com Deus’” (BRÜGGER, 2007, pp.283-284). Por sua vez, na definição de compadrio, Antônio Augusto Arantes diz que se trata de:

[...] uma instituição social constituída principalmente a partir dos ritos católicos de batismo e de crisma. No século IX, a Igreja Católica Romana definiu como ‘pais espirituais’ de uma criança aqueles que patrocinassem tais cerimônias (ARANTES, 1993, p.195).

Nesse sistema de relações rituais, o autor aponta a tarefa dos ‘pais espirituais’ na “formação moral e religiosa dos afilhados” (ARANTES, 1993, p. 195). Contudo, conforme destaca Brügger, a instituição do compadrio na sociedade patriarcal mineira pressupunha o estabelecimento de vínculo espiritual, bem como reforçar relações sociais, alianças [‘para cima’], ampliação de laços familiares para além da consanguinidade (BRÜGGER, 2007, p. 284). A autora articula o patriarcalismo com as relações de compadrio nos diversos grupos sociais em que:

[...] o padrinho, segundo a própria doutrina católica, constituía-se em um segundo pai, em um com-padre: ou seja, alguém com quem, de algum modo, se dividia a paternidade (BRÜGGER, 2007, p. 286).

Nas Minas do século XVIII e XIX, em meio à multiplicidade de famílias urbanas e rurais, incluindo as patriarcais, o compadrio vinculou tanto indivíduos quanto famílias, criando laços morais, afetivos, mas também de proteção e

possibilidades de ascensão social. Pode-se entender que existiram e existem vários tipos de relações de compadrio: desde a ligação religiosa, afetiva, até os interesses políticos e econômicos. Arantes destaca que “as várias sociedades criaram sistemas de relações regulamentadas pelo costume” (ARANTES, 1993, p. 195) sendo que o estudo do compadrio requer a verificação de suas múltiplas formas e funções para com e além das familiares. Visando entender tais relações no contexto sócio-histórico, pesquisando o termo no concreto, como destaca Arantes (ARANTES, 1993, p. 204), podem-se perceber as “várias modalidades de compadrio”: vínculos de solidariedade, cooperação econômica, lealdade política, potencialidade de igualdade. No caso da música aqui em estudo, percebe-se a dimensão simbólica do compadrio e suas relações de zelo e igualdade. Como temáticas principais da canção no contexto de modernização autoritária no país, capitaneado pelo chamado *milagre econômico*, têm-se a migração e impacto na cidade e as relações de parentesco ritual. Nas relações de parentesco e compadrio utilizados na música percebe-se o caráter de proximidade e de cuidado do padrinho, relações que perpassam a história da família no Brasil³. Os artistas utilizam desse recurso social de relações de proximidade para demonstrar, numa crítica à modernização, os percursos e tensões entre cidade e campo. É possível, então, destacar algumas questões pertinentes dentro do estudo do compadrio no século XX e no contexto das relações campo-cidade no processo de urbanização dos anos 1970: a) com a modernização autoritária do país, como ficam as relações e os costumes calcados no compadrio das populações ribeirinhas? b) como e quais os laços rituais e reais unem essas populações? c) como se mantêm tais laços depois de, por exemplo, as construções de barragens e migrações forçadas nos anos 1970? d) e nas migrações voluntárias?

Eunice Durham, analisando os diversos aspectos das migrações para a cidade, sobretudo para a metrópole de São Paulo – migrações que partem de diversas regiões e estados, como, por exemplo, Minas Gerais, daí a necessidade de se verificar como as relações de compadrio persistem ou mudam ao longo da história – destaca que nos anos 1970, a população urbana brasileira excede a rural: “dos 93 milhões de brasileiros, recenseados em 1970, 52 milhões, isto é, 56% residia nos aglomerados urbanos” (DURHAM, 1984, p.20). Para a autora:

A industrialização e a urbanização significam a quebra de isolamento das comunidades tradicionais, a crise do sistema produtivo rural e da estrutura tradicional de autoridade, a negação dos velhos valores, a adoção de novos padrões de comportamento (DURHAM, 1984, p.8).

Ressaltando as populações ribeirinhas, a cultura cabocla dos sertões⁴, Durham destaca as relações de parentesco, compadrio e vizinhança. Nessas populações, o elemento central compreende a formação de unidades domésticas – a família conjugal – que, por sua vez, constituem relações interfamiliares por

meio do compadrio. As várias unidades domésticas podem se ligar formando diversos grupos de vizinhança cujas relações de solidariedade e compadrio constituem-se no cotidiano e compreendem os princípios fundamentais dessa organização. Segundo a autora, a sociabilidade das populações caboclas:

[...] se estabelece através do parentesco e compadrio como princípio de organização social, do mutirão e da troca de dias como formas de cooperação econômica, configurando os grupos de vizinhança que constituem a unidade por excelência da vida social cabocla (DURHAM, 1984, p. 56-57).

Desse modo, por meio da música aqui analisada e do destaque dos autores acima, elucida-se que mesmo com as diversas transformações da modernização capitalista autoritária no Brasil dos anos 1970, as relações de compadrio persistem. Como Durham destaca, no processo de migrações das populações rurais:

[...] parentesco e compadrio se mantêm como tipos fundamentais de relações sociais mesmo quando as transformações da sociedade nacional destroem as comunidades enquanto grupos locais organizados, dispersando seus membros na fazenda (ou mesmo no meio urbano) (DURHAM, 1984, p. 74).

No caso, a autora aponta as relações de compadrio que persistem nas migrações entre fazendas e cidades próximas. Ao abordar, contudo, as migrações para os grandes centros, em especial à metrópole de São Paulo, Eunice Durham enfatiza que as relações de parentesco, no âmbito da família nuclear, persistem como forma de solidariedade, visto que as migrações não ocorrem de uma vez só, mas conforme os familiares vão se constituindo na cidade e ‘chamando’ os demais para o meio urbano, porém, no caso das relações de parentesco ritual a autora ressalta que:

O compadrio é uma instituição que formaliza obrigações recíprocas de natureza pessoal, e é adequado para entender as relações sociais, para além da família, em sociedades baseadas em vínculos personalistas. Na cidade, ao contrário, a família se integra necessariamente em outras instituições e grupos através de contatos categóricos. O compadrio é inadequado para validar relações dessa natureza e perde sua função principal, a de estender as relações sociais. Restringe-se assim ao âmbito familiar, no qual não introduz nenhum elemento novo, mas apenas confirma relações já existentes (DURHAM, 1984, p. 200-201).

Contudo, as relações de parentesco ritual podem persistir em sua virtualidade. Como se percebe na música, as relações simbólicas, a consideração e o reconhecimento do compadrio continuam mesmo com a distância da cidade grande. Como bem destaca Klaas Woortmann, estudando as diversas formas de migrações camponesas:

A emigração não representa um rompimento radical entre os que saem e os que ficam (...) A obrigação para com parentes é um princípio central, mas ela é uma rua de duas mãos, pois também se impõe aos que ficam, e isso conduz a outra questão. Se aqueles que saem perdem o acesso a terra, não perdem necessariamente o acesso à família e nunca se pode prever quão definitiva é a emigração definitiva (WOORTMANN, 1990, p. 52).

Nesse caso, nas relações que persistem “a separação física das famílias não compreende [em muitos casos, é bom lembrar] a separação social”, como destaca Margarida Maria Moura (MOURA, 1991, p. 9). No quadro do campesinato brasileiro em fins do século XX, a autora ressalta que “na sociedade sertaneja, especialmente no caso do campesinato, as práticas de parentesco têm sido reforçadas em vez de esvaziadas” (MOURA, 1991, p. 21).

Analisando, por outro lado, no processo de modernização capitalista nos anos 1970, o impacto das migrações forçadas pela construção de barragens como as de Sobradinho, na Bahia, pode-se pensar na desestruturação e transformação radicais das relações familiares das populações ribeirinhas.

E o sertão virou mar

Num artigo instigante, o sociólogo Juarez Duarte Bomfim destaca os processos da construção da barragem de Sobradinho durante o regime ditatorial no Brasil. Segundo o autor, desde o início dos anos 1970, desenvolve-se no país uma política de aproveitamento das águas, sobretudo do Velho Chico, o rio São Francisco, considerado o rio da integração nacional. O autor esclarece que nas regiões do semiárido nordestino, “região conhecida por suas secas e fomes periódicas” (BOMFIM, 1999, p. 1), as populações à margem do São Francisco foram desalojadas de suas terras sem ao menos receberem uma indenização justa.

Com a construção de Sobradinho, cidades baianas como Remanso, Casa Nova, Sento Sé, Pilão Arcado tiveram suas sedes deslocadas. De acordo com Duarte Bomfim:

Entre os anos de 1972 e 1979, época da vigência da ditadura militar brasileira, na região norte do estado da Bahia, foi implantado pela CHESF [Companhia Hidrelétrica do São

Francisco] a barragem de Sobradinho, com as finalidades de: (a) acumulação das águas do rio São Francisco para regularizar o fornecimento às usinas do complexo hidrelétrico a jusante, e (b) possibilitar a agricultura irrigada em escala empresarial (BOMFIM, 1999, p. 2).

A construção da barragem insere-se no contexto de modernização autoritária discutido neste estudo. Segundo o autor, o processo de construção de Sobradinho faz parte da objetividade econômica do governo de ampliação do capitalismo no Brasil.

Em 1977, Sá & Guarabyra lançam o LP *Pirão de Peixe com pimenta*⁵, no qual cantam os caminhos pelo sertão baiano e mineiro, suas experiências e viagens pelo 'Velho Chico'. Em *Sobradinho*, primeira faixa do disco, os músicos assim destacam:

O homem chega e já desfaz a natureza/
Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar/
O São Francisco lá pra cima da Bahia/
Diz que dia menos dia vai subir bem devagar/
E passo a passo vai cumprindo a profecia/
do beato que dizia que o sertão ia alagar/
O sertão vai virar mar, dá no coração/
o medo que algum dia o mar também vire sertão/
Vai virar mar, dá no coração/
o medo que algum dia o mar também vire sertão/
Adeus Remanso, Casa nova, Sento Sé/
Adeus Pilão Arcado, vem o rio te engolir/
Debaixo d'água lá se vai a vida inteira/
Por cima da cachoeira o gaiola vai subir/
Vai ter barragem no salto do sobradinho/
E o povo vai se embora com medo de se afogar/
E o sertão vai virar mar, dá no coração/
O medo que algum dia o mar também vire sertão/
Vai virar mar, dá no coração/
o medo que algum dia o mar também vire sertão/
Remanso, Casa Nova, Sento Sé, Pilão Arcado, Sobradinho/
adeus, adeus, adeus.

A música traz um ritmo de xote moderno. Canta o drama dos sertanejos das margens do São Francisco que se veem em meio à modernização excludente. Destacam-se na música os instrumentos de viola, acordeom, violão, gaita e percussão, além do acompanhamento de baixo, bateria e piano elétrico. A crítica moderna ressalta a instrumentalização da natureza, a sua exploração pelo homem – destacam-se os elementos ecológicos, de exaltação e defesa da natureza. As tensões são percebidas na música com o crescendo no solo instrumental, dando a ideia de inundação do sertão. O destaque maior é, contudo, para a crítica da modernidade autoritária. A música, especialmente o refrão, faz alusão à fala do beato Antônio Conselheiro, cuja profecia em que o sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão⁶ parece evidente com a construção da barragem. Tem-se a dimensão ecológica e de perda. Como ressalta Bomfim, na construção da barragem:

O deslocamento populacional se deu através de expulsão violenta, principalmente dos moradores das áreas rurais, na sua maioria camponeses pobres, que viviam nas barrancas do rio cultivando os solos aluviais das ilhas e margens do rio, pescando e criando animais. Foram desalojadas cerca de 12 mil famílias, num total aproximado de 72 mil pessoas. Desse universo, 8.619 famílias habitavam a zona rural (BOMFIM, 1999, p. 4).

Sendo assim, além de *Sobradinho*, letras como *João sem terra*, *Marimbondo*, *Água Corrente* mostram a ‘atomização’ dos sujeitos e os contrastes da modernidade. *Marimbondo*, trazendo ainda a proposta do *Rock Rural*, enfatiza os sem teto, os que se veem sem morada, “sem eira, nem beira”. *João sem terra* destaca:

Ter que se andar para frente/ sem olhar atrás o que se deixou/ não se deseja ao pior inimigo/ tão sujo presente/ (...). Ter que lembrar todo dia/ do medo que te fez deixar teu chão/ nem ao pior inimigo se quer tão amarga recordação.

Com violões de aço e violas, a dupla canta os dilemas do sertanejo, em meio à modernização autoritária e excludente, que deixa o campo para trás. Segundo Renata Andrade, sobre a transposição do Velho Chico:

A história da fragmentação do Rio São Francisco tem suas origens na falta de consciência ecológica daquela época de grandes projetos de desenvolvimento hídrico (ANDRADE, 2002, p. 4).

A autora fala da fragmentação do rio e da sociedade que promove uma crise ecológica e social, cuja “cultura marginalizada de pescadores e das comunidades ribeirinhas” (ANDRADE, 2002, p. 4) sofre os avanços do capitalismo moderno. Em *Água Corrente*, Sá & Guarabyra cantam a poesia da solidão, do que se foi e daquilo que se perdeu nas pedras arredondadas do rio, importantes para o habitat dos peixes que sobem para a piracema (ANDRADE, 2002, p. 9):

Água corrente, pedra redonda/ desce contigo o meu coração/ leito de rio, esconderijo e doce, doce prisão/ deixa eu molhar minha voz e repetir a canção/ Água corrente, pedra rolante/ onde os segredos se vão afogar/ leva a saudade pra quem te espera longe/ junto do mar/ que nenhum desvio te possa deter/ por entre os barrancos palavras de amor/ lá se vão na corrente.

Já *Coração de Maçã*, canta o assombro diante do moderno, das mudanças: Coração de maçã, uma fruta aqui dentro do peito/ que vive

e não fala, tomada de horror/ pelos mistérios do mundo exterior...

Desse modo, Juarez Duarte Bomfim destaca os resultados da construção de Sobradinho para as populações ribeirinhas:

Violência, baixas indenizações, desorganização da produção e falta de perspectivas para os trabalhadores rurais havia sido o saldo deixado pela CHESF. As sequelas existem até hoje: uma parte daquela população ainda vaga, miserável, pelos sertões (BOMFIM, 1999, p. 4).

São os efeitos da modernidade (BERMAN, 1987) que trazem os contrastes sociais e atingem, principalmente, as populações menos favorecidas. Seria pertinente aqui falar em possibilidades de persistência de compadrio para essas populações com migrações forçadas? Pode-se conjecturar a impossibilidade aqui de relações até mesmo em sua virtualidade, visto que se transformam radicalmente as relações sociais de muitas famílias no sertão.

Notas

1 - O LP traz as seguintes faixas: *Zepelim; Ama teu vizinho como a ti mesmo; Juriti Butterfly; Me faça um favor; Boa Noite; Hoje ainda é dia de rock; Primeira canção da estrada; Cumpadre meu; Crianças perdidas; Azular; Ouvi contar; Coda: Cigarro de Palha.*

2 - Segundo Ronaldo Costa Couto, o mandato do presidente Emílio Garrastazu Médici, 1969-1974, é considerado o mais repressivo. É a chamada “linha dura” da política militar no Brasil, cujo objetivo é a manutenção do regime autoritário, combinando crescimento econômico e controle social, em que as classes média e rica souberam apoiar e se beneficiaram com a política excludente do governo Médici. A população menos favorecida, o povo em geral, ficaria aquém da política modernizadora e conservadora do período.

3 - Silvia Brügger, por exemplo, enfatiza que no caso das Minas no século XVIII e XIX, não se poderia descartar também laços afetivos e do cotidiano nas relações de parentesco ritual, o que ajuda a pensar as diversas formas de relação dentro do compadrio.

4 - Entendido aqui, segundo Durham, como terras marginais, sendo as populações ribeirinhas aquelas que vivem às margens dos rios cultivando o solo para o seu sustento.

5 - O LP traz as seguintes faixas: *Sobradinho, Marimbondó, Trem de Pirapora, João sem terra, Pirão de peixe com pimenta, Coração de maçã, Cinamomo, Espanhola, Canção dos Piratas e Água Corrente.*

6 - Referência ao filme *Deus e o Diabo na Terra do sol*, de Glauber Rocha, 1963.

Referências

ARANTES, Antonio Augusto. Pais, padrinhos e o espírito santo: um reestudo do compadrio. In: ALMEIDA, Maria Suely K. de et. al. *Colcha de Retalho: estudos sobre a família no Brasil*. 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 195-206.

ANDRADE, Renata. *Da transposição das águas do rio São Francisco à revitalização da bacia: as várias visões de um rio*. ago. 2002. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/docs/tropico/desat/renata_andrade.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2010.

- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p.13-35.
- BOMFIM, Juarez Duarte. *Movimentos sociais de trabalhadores no rio São Francisco*. ago. 1999. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-45-30.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2010.
- BRÜGGER, Silvia Maria Jardim. *Minas patriarcal: família e sociedade (São João Del Rei – Séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Annablume, 2007.
- COUTO, Ronaldo Costa. *História indiscreta da ditadura e da abertura*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- DURHAM, Eunice R. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.
- LÖWY, Michael e SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes. 1995.
- MOURA, Margarida Maria. Liberdade e igualdade: reflexões sobre campesinato sertanejo e política. In: *Cadernos CERU*, São Paulo, nº 3, Série II, p. 7-32, 1991.
- NAPOLITANO, Marcos. *História e Música*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- RIDENTI, Marcelo. Uma década de sonhos e mudança. In: *Revista Nossa História*, Rio de Janeiro, Ano 3, nº 26, p. 62-65, dez. 2005.
- SÁ, RODRIX & GUARABYRA. *Passado, Presente & Futuro*. Odeon, LP MOFB 3710, 1972.
- SÁ & GUARABYRA. *Pirão de Peixe com Pimenta*. Som Livre, LP 403.6131, 1977.
- WOORTMANN, Klaas. Migração, família e campesinato. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*, Campinas, nº 1, v. 7, p. 35-53, jan./jun. 1990.

RESUMO

O presente artigo trata, por meio da análise de músicas do trio Sá, Rodrix & Guarabyra, e da dupla Sá & Guarabyra, das relações familiares, de parentesco e compadrio no contexto dos anos 1970 no Brasil. As músicas tornam-se fontes importantes para a análise do contexto das famílias, sobretudo das populações ribeirinhas que, durante aquela década, em meio ao processo de intensa urbanização, viram-se expulsas do meio rural pelas construções de barragens como parte do programa nacional de racionalização das terras e dos projetos de aumento do potencial hidrelétrico no país, dentro do regime autoritário do período em questão.

Palavras-chave: relações familiares; migrações; barragens.

ABSTRACT

The present work analyses, through the music of Sá, Rodrix & Guarabyra trio and Sá & Guarabyra duo, familiar relations, kinship and “compadrio” in Brazil during the 1970’s. The songs have become important resources for evaluating the familiar background, mainly related to population who lived in the country and, during that decade, in the middle of intensive urbanization process, were expelled from the rural environment by the constructions of dams as part of the national program for rationalizing the land and the projects for increasing the Brazilian hydroelectric potential during the authoritarian period.

Keywords: family relations; migration; dams.